



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

A construção da representação da periferia no Jornal do Almoço/RBS TV¹

CANABARRO, Tiane Dias (Mestranda)²

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira (Doutor)³

MENEZES, Darciele Paula Marques (Mestre)⁴

Universidade Federal de Santa Maria/RS

RESUMO: O presente artigo busca compreender apropriação da representação social pelo discursivo televisual, ou seja, sua conversão em um discurso midiático. Durante todo o desenvolvimento do texto há aproximações de perspectivas sociológicas com a abordagem comunicacional, na tentativa de compreender em que momento a instância social é atravessada pela midiática, quando se trata de um âmbito discursivo. Assim, buscamos constituir um fragmento analítico que permitisse identificar a essência da representação de periferia, exibida em reportagens do Jornal do Almoço da emissora RBS TV de Porto Alegre- RS.

Palavras-chaves: Televisão; Representação Social; Representação Midiática.

INTRODUÇÃO

A constituição da representação midiática é repleta de elementos advindos da esfera social e cultural, por isso, a importância de analisar a representação midiática como uma releitura dos processos sociais e culturais. Assim, é inegável que o espaço midiático ocupa um lugar significativo nas representações e na construção das identidades e vice-versa, pois permite formas de reconhecimento ou a negação e/ou

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da UFSM. Membro do GP Estudos culturais e audiovisualidades, email: tiane.canabarro@hotmail.com

³ Professor do Programa de Pós Graduação da UFSM, Pesquisador do GP Estudos culturais e audiovisualidades, email: flavilisboa@gmail.com

⁴ Doutoranda em Comunicação em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em Comunicação pela mesma Universidade, Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pampa. Atualmente, é Professora Substituta do Curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: darciele.marques@hotmail.com



exclusão de sujeitos em relação a determinadas situações ou posições.

Estudar o campo midiático e seus respectivos processos de representação consiste em examinar “sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para a nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar significados” (SILVERSTONE, 2002, p.13), enfim, analisar as representações tecidas no discurso midiático é, sobretudo, produzir inúmeras questões, com a possibilidade de não encontrar respostas qualificadas (PÊCHEUX, 2012).

Assim, o presente estudo que toma como objeto o discurso televisual, em especial, as matérias jornalistas no Jornal do Almoço, que apresentam de maneira linear a proximidade do jornalismo com a periferia, despertando diferentes sentidos de posições dos sujeitos e respectivos contextos através do cenário televisivo. Neste sentido, busca-se tencionar a teoria da representação no espaço televisivo a partir da teoria da representação social, originada no campo da sociologia e da filosofia combinada aos questionamentos da teoria dos Estudos Culturais.

O espaço discursivo televisual por meio do engendramento das representações que conformam discursos específicos é capaz de estabelecer um registro social e cultural da sociedade, que poderá visualizar as construções discursivas como práticas sociais de um determinado período e contexto. “[...] A análise da cultura da mídia em sua matriz de produção e recepção ajuda a elucidar suas produções e seus possíveis efeitos e usos, bem como os contornos e as tendências dentro do contexto sociopolítico mais amplo” (KELLNER, 2001, p. 13).

Mesmo em tempos de convergência e interatividade proporcionada pelas redes sociais, não é possível desfocar a importância do dispositivo televisivo no que se refere à construção das representações midiáticas. Os modos de produzir o discurso televisual são ilustrados pela representação do próprio meio e também, a representação daqueles a quem se pretende atingir.

Assim, a partir da abordagem sobre a cultura, a identidade e as representações, os Estudos Culturais originados na Inglaterra nos anos 1950, possibilitam um entendimento sobre os respectivos conceitos que estão para além da Indústria Cultural tomam a forma de práticas vividas, conforme Raymond Williams (2003). Os representantes desta teoria tiveram suas bases sustentadas na Teoria Marxista. Embora,



não limitassem a cultura à reprodução de massa, pois sua aproximação ao marxismo permitia pensar as relações sociais como produtoras de significados. Neste estudo, sustentamos o entendimento do discurso televisivo como uma instância de produção de sentido.

A fim de sistematizar o entendimento da construção discursiva no ambiente televisivo, primeiramente será realizada um breve abordagem sobre a representação social, que de acordo com Maria Cecília Minayo (1995), a representação social relaciona-se com as percepções da realidade que possuímos e que são reproduzidas no ambiente social. Num segundo momento reflexão sobre representação social será tensionado com as matérias jornalistas sobre periferia no Jornal do Almoço/RBS TV, exibido ao meio-dia na RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo.

Para a realização da pesquisa foram capturadas quatro matérias jornalistas do Jornal do Almoço entre os meses de setembro e dezembro de 2013, as quais abordavam em seu discurso a periferia e as pessoas que dela fazem parte. Assim, foi delimitada uma matéria por mês, trazendo a periferia como assunto principal e recorrente no telejornal, que diferentemente das matérias jornalísticas destinam um tempo maior de visibilidade e de fala para estes sujeitos integrantes da periferia. Assim, este estudo busca tensionar o fragmento teórico e analítico como forma metodológica.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL: CONTEXTOS E ABORDAGENS

Sociólogo e filósofo Henri Lefebvre dedicou seus estudos a pensar as representações como produções de sentido que são realizadas pelos sujeitos, nas decodificações do cotidiano. Para Lefebvre (1983, p.223) “as representações fazem às vezes de mediadoras: umas se consolidam modificando, por sua vez, o concebido e o vivido; outras circulam ou desaparecem sem deixar pistas”. Entendemos assim, a representação como uma prática social: produtora de sentido e mediadora dos significados, uma vez que interpela as pessoas, seus contextos e suas rotinas.

A definição de representação é utilizada de outras formas, por outros autores. Na interpretação de Freire Filho (2005, p.18) “[...] o termo designa, também, o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens e sons) para “falar por” ou



“falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e da indústria da cultura”. Neste sentido, sua abordagem torna-se fundamental para a análise proposta, uma vez que todos os elementos presentes na construção discursiva direcionam o modo de interpretação da mensagem televisual.

Ainda, sobre o conceito de representação trazemos reflexões sobre a representação social através dos estudos de dois sociólogos: Max Weber e Durkheim conforme propõe Minayo (1995), a representação social pode ser entendida como a “visão de mundo”, já na abordagem de Weber há uma combinação entre o espaço das ideias e o espaço material, onde as ideias estão vulneráveis a sistemas de dominação. Esse cotidiano de que fala Weber, onde as ideias convergem com a matéria e produzem significações culturais.

Para Durkheim as representações estão relacionadas com a realidade social (MINAYO, 2005). É o que ele chama de representações coletivas estruturadas em atos sociais, que podem gerar uma coerção uma vez que o coletivo exerce uma força nos indivíduos. Esse coletivo é a soma de concepções individuais que normatiza o social.

A normatização do social levantada pela autora Minayo (2005) se aproxima muito do movimento do discurso televisual atual, que busca representar estilos de vida, as situações que retratam o modo de organização dos indivíduos, ou seja, os modos de vida de uma sociedade repleta de diferenças. Assim, o discurso televisivo insere o cotidiano como pauta estrutural do seu discurso, que propicia a manutenção ou dá margem para a constituição de novas práticas sociais e/ou culturais. Sobre a importância da televisão Roger Silverstone diz que:

[...] representa o ordinário e o contínuo. Em sua unicidade, é absolutamente típico – um elemento na constante mastigação da cultura cotidiana pela mídia. Seus significados dependem de saber se realmente o notamos, se ele nos toca, choca, repugna ou atrai, enquanto entramos, atravessamos e saímos do ambiente midiático cada vez mais insistente e intenso (SILVERSTONE, 2002, p.12).

Completando a reflexão de Silverstone(2002), quanto à importância do próprio meio na construção desta representação, Lúcia Santaella(2006), ressalta que as características do meio constituem um fator significativo de interpretação, no caso da instância televisual, o texto e a imagem possuem uma força expressiva, pois “[...] toda



a imagem representada, ou seja, corporificada em um suporte de representação, coloca em ação conceitos representativos que são próprios daquele suporte ou dispositivo” (SANTAELLA, 2006, p. 176).

A instância televisual é condicionada a construir e transmitir representações no interior do texto dos seus programas em conformidade com os propósitos da emissora de televisão, ou seja, no caso da RBS TV busca-se estreitar os laços com os seus telespectadores, fato que é evidenciado no discurso da emissora e seus respectivos programas.

A REPRESENTAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO

As representações que constituem o discurso midiático efetuam de certa maneira uma reflexão dos interesses da própria televisão dotado de uma estrutura e organização particular, portanto, significativa na produção de sentidos, “[...] em que o social está sendo constantemente reproduzido” (SILVERSTONE, 2002, p. 30). E nessa reprodução está sua afirmação como verdade.

Quando observadas as construções discursivas televisuais, percebe-se que a representação é amplificada pelo suporte imagético, capaz de (re)construir a partir da esfera simbólica. “As narrativas e as imagens vinculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje” (KELLNER, 2001, p. 9). Os fragmentos de uma cultura podem ser reengendrados no espaço midiático, tornando-se fatores de reconhecimento, dominação ou reafirmação, desta forma estabelecem relações de poder que podem incluir ou excluir os sujeitos e suas representações. Assim, o espaço midiático também é um ambiente de circulação de poder onde as representações pertencem a um sistema de forças conduzido pelas construções discursivas.

A cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001, p. 10-11)



Este terreno, no qual se refere Kellner, também é reconhecido e estruturado como campo midiático por Pierre Bourdieu (2003), que entende como um campo onde as práticas sociais possuem visibilidade, reforçando representações já existentes no cotidiano. O campo midiático possui uma organização própria normatizada pelos regulamentos da mídia. Sobre as estruturas dos campos, apontamos o campo midiático dentro deste jogo de forças pela representação e pela visibilidade de uma produção de sentido legitimada.

O campo da mídia não é apenas um dispositivo de produção das representações dos cenários onde se travam e se diferenciam os atores sociais, mas o lugar singular que trata de modelizar as possibilidades e construção dos modos de inteligibilidade das atualidades (FAUSTO NETO, 2002, p.501)

O discurso midiático é uma organização encadeada de signos cuidadosamente construída, deixando evidentes as marcas interpretativas. “Uma das principais características do discurso midiático é o fato de se apresentar como um discurso acabado e de funcionar aparentemente sem intermitência nem vazios” (RODRIGUES, 2002, p.217). Os vazios presentes no discurso televisual não são explícitos e nem passíveis de reflexão, pois o propósito está em outro lugar que não a obviedade, mas no simbólico, assim dificilmente as marcas dessa construção que busca delimitar o sentido e construir a representação são percebidas. Embora, desde a sua produção haja normas e formatos que garantem a estruturação do discurso e da sua produção de sentidos. “O “real”, socialmente produzido pela mídia é produto de uma série de interações e movimentos de sentidos” (MORIGI, 2004, p.9). Deste modo, a produção de significados não é imparcial, raramente é democrática, e por ser cotidiana é pouco reflexiva.

Neste sentido, o espaço midiático também pode ser caracterizado como um espaço social, onde circulam as identidades e representações. Ainda, que constituído de características metafóricas da realidade, a representação torna-se importante na estrutura social, na identificação, no pertencimento e na ideologia de uma comunidade. “Na realidade, a representação implica uma prática, uma produção de sentido – ‘o que, subsequentemente, veio a ser definido como uma ‘prática significante’. Os meios de



comunicação são agentes significantes” (ESCOSTEGUY, 2010, p.69). A mídia funciona como um instrumento facilitador/disseminador de discursos que buscam aceitação, pertencimento e reconhecimento das culturas e das identidades.

[...] a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado as relações de poder (SILVA, 2000, p.91).

A produção de sentidos proposta pelo discurso midiático deixa pistas das relações de poder ainda na esfera da produção. Na primeira parte da estruturação dos significados estão presentes as relações de poder que nela interferem. Relações nítidas ou mascaradas que deixam marcas interpretativas. Althusser (*apud* HALL, 2003) afirma que a representação não se materializa no vazio, mas na produção de sentido efetivada nas relações sociais. Não há a possibilidade de pensar a representação isolada das estruturas sociais, as quais ela busca definir "o social nunca está fora do semiótico" (HALL, 2003, p.169). Deste modo, a produção midiática parte de relações sociais, da busca por identidade (incluindo a identidade do próprio meio) e de representações já legitimadas na instância social.

Nas mídias, em especial na televisiva, as representações comuns se fortalecem, os indivíduos se reconhecem e compartilham uma experiência comum. “Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade [...]” (SILVA, 2000, p.91), e nas mídias encontra espaço de reafirmação ou resistência.

Embora, entendemos a mídia como uma prática social, um lugar de produção, disseminação e circulação de significados, não a reconhecemos como uma prática social natural, pois não origina-se da necessidade individual ou coletiva mas da própria organização e estrutura dos meios. “O processo de significação dos *media* difere de outros processos precisamente porque o que esta prática social produz é um objeto discursivo, logo, o que o diferencia enquanto prática é a articulação de elementos sociais e simbólicos” (ESCOSTEGUY, 2010, p.71). Elementos carregados de sentidos que buscam, insistentemente, interpelar os sujeitos e mediar outras práticas.



A PERIFERIA NO JORNAL DO ALMOÇO DA RBS TV

O telejornal *Jornal do Almoço*⁵ é exibido de segunda a sábado ao meio dia na RBS TV, afiliada da rede globo. O telejornal possui 45 minutos de duração, durante este tempo exibe informações sobre acontecimentos factuais, culturais, esportivos, música, comentários e entrevistas. Exibido pela primeira vez em 10 de outubro de 1974, o telejornal completa quarenta anos no ar e lidera os índices de audiências da RBS TV.

Para a seleção das quatro matérias jornalísticas, exibidas durante os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, utilizamos como critério o factual que envolvesse a rotina ou o ambiente em comunidades da periferia do estado do Rio Grande do Sul e que foram exibidas no telejornal regional. Com o objetivo de identificar construções discursivas que apontem para a representação da marginalização, vulnerabilidade e exclusão.

A **primeira reportagem** analisada é datada no dia 02 de setembro⁶, produzida pela repórter Vanessa Filipe. A matéria tem duração de 2 minutos e 45 segundos. A reportagem trata-se de um rompimento causado em um dique no bairro Sarandi. O que podemos perceber é a descrição de um ambiente caótico onde é apresentado o sofrimento de centenas de famílias. As pessoas estão completamente expostas, seja na individualidade ou na coletividade. As imagens ilustram as perdas materiais e o desespero diante dos alagamentos. A repórter entra nas residências e mostra aos telespectadores, as casas, os móveis, as roupas destruídas pela água. As pessoas tentam reorganizar seu espaço, enquanto a mídia narra os acontecimentos. A representação que prevalece é a da vulnerabilidade e a do sofrimento.

⁵ Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/jornal-do-almoco.html>. Acesso em 27 de fevereiro de 2014.

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/policia-investiga-o-que-pode-ter-causado-o-rompimento-do-dique-que-alagou-o-bairro%20sarandi/2797301/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2014.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*



Reportagem “Polícia investiga o que pode ter causado o rompimento do dique que alagou o bairro Sarandi”.

A **segunda reportagem** foi exibida no dia 3 de outubro⁷, produzida pelo repórter Manoel Soares. A matéria tem duração de 3 minutos e 52 segundos. A reportagem narra uma iniciativa de sucesso em uma comunidade da Cidade de Santa Cruz do Sul, iniciativa de natureza pedagógica da escola Alfredo José Kliemann para reduzir os índices de violência. A comunidade, através da imagem, denota a pertença de um ambiente marginalizado, mas emerge um “certo” reconhecimento pelas ações que reduzem esses estereótipos. Embora, no discurso dos professores e alunos apareçam marcas da diferença, como a citação da violência e a falta de um ambiente seguro. A aluna Carem Gabriela Lopes descreve que fora do ambiente criado pela escola para promover a conversa e o debate (no caso a Oca da paz), é comum discussões e violência verbal entre os jovens. Guilherme Alves, também aluno, diz “Conversa, resolve os problemas e passa a vontade de dar umas pancadas”. Constrói-se, deste modo, uma representação relativa à marginalização e violência.



Reportagem “Escola Pública de Santa Cruz do Sul,RS,aposta no diálogo para superar conflitos”.

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/escola-publica-de-santa-cruz-do-sul-rs-aposta-no-dialogo-para-superar-conflitos/2865117/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2014.

A **terceira reportagem** foi exibida no dia 26 de novembro⁸, também do repórter Manoel Soares. A matéria tem duração de 4 minutos e 45 segundos. Neste caso, o discurso televisual retorna a comunidade para verificar o que mudou depois que um menino foi atropelado na frente da Escola Municipal Chapéu do Sol. Durante o transcorrer da reportagem, percebemos através das imagens a representação da vulnerabilidade apresentada na região. Na composição imagética é ressaltada a falta de calçadas e sinalização de trânsito, que obriga os pedestres e os automóveis a dividirem o mesmo espaço nas ruas da comunidade.



Reportagem “Manoel Soares volta ao local onde aluno foi atropelado ao sair de escola há cinco meses”.

Na frente da escola onde houve o atropelamento, foi instalada de uma lombada para reduzir a velocidade e uma faixa de pedestres, que já se encontra com a pintura danificada. Na própria fala do repórter percebemos que a situação não está solucionada “Conseguimos melhorar, mas não resolvemos” afirma o repórter. A fala da diretora da escola é gravada na rua diante das deficiências estruturais do bairro.

A **quarta reportagem** foi exibida no dia 5 de dezembro⁹ e produzida pela repórter Renata Salinet. A matéria tem duração de 4 minutos e 56 segundos. A pauta centra-se em um projeto social realizado na cidade de Alvorada, que busca incluir os jovens através da dança. A aluna do projeto Francine Mattos explica que procurou o projeto justamente por não ter a possibilidade de pagar um balé profissional. Na sequência, no texto em *off*, a repórter cita os elevados índices de criminalidade da região. E conclui com uma passagem que cita a solidariedade da comunidade, em uma

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/manoel-soares-volta-a-local-onde-aluno-foi-atropelado-ao-sair-de-escola-ha-cinco-meses/2979569/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2014.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/em-alvorada-rs-projeto-transforma-a-realidade-de-criancas-e-jovens-atraves-da-danca/2999902/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2014.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

imagem de todos de mãos dadas.



Reportagem “Em Alvorada, RS, projeto transforma a realidade de crianças e jovens através da dança”.

A violência presente na comunidade e as dificuldades do projeto são salientadas do discurso dos entrevistados, os alunos do projeto e dos idealizadores, mas na fala da repórter e dos entrevistados são enfatizados os resultados positivos e a superação. Aparece novamente a representação da precariedade de condições sociais que permitam reverter à situação da comunidade e das pessoas que nelas vivem. As quatro reportagens funcionam como uma pequena amostra da forma como é construído o discurso midiático quando as temáticas, os atores, e os espaços são considerados atuantes de um discurso mais amplo, contudo, não isentam a existência de outras construções discursivas que por vezes atravessam o discurso global ou confluem mostrando outra face do discurso constituído. Em todos os meses foi possível encontrar acontecimentos que fizeram estas comunidades serem notícia regional, ressaltando o quanto a esfera social configura-se como um terreno fértil de representações que são encaradas como boas formas de visibilidade e reforço dos laços entre o ambiente televisual e o social.

NOTAS CONCLUSIVAS

Ao refletir sobre os conceitos de representação, primeiramente introduzidos pelo campo da sociologia e da filosofia, podemos destacar a importância de pensar a representação no sentido social, do indivíduo e da coletividade. Não há possibilidade de construir uma abordagem sobre representação excluindo o fato de que a mesma está presente na sociedade, como um instrumento e como prática cotidiana.

Esse é o primeiro passo teórico, depois no segundo passo teórico busca refletir



sobre a abordagem do campo da comunicação e das mídias como um espaço de produção, distribuição e de circulação destes significados. Assim, a mídia é um ambiente onde as representações ganham destaque, visibilidade e onde são reafirmadas.

Esta reflexão aponta para a necessidade de ampliação do processo interpretativo da representação midiática, considerando a diferença dos meios, características, funcionalidades e objetivos. No ambiente televisivo, o testemunho é reforçado pela imagem e pela personificação das pessoas. A narrativa ganha força através dos sentimentos, das superações e das expressões de alegria e dor dos entrevistados, ou seja, é na subjetividade do representado que o sentido se consolida para o telespectador.

Deste modo, pensar a representação midiática é contribuir para o entendimento social que em tempos de convergências e tecnologias é perpassado pelos diferentes meios de comunicação. Neles é possível visualizar as representações que permanecem legitimadas, as que conseguiram ganhar espaço, em virtude da história e de lutas, e as que ainda ocupam um lugar marginalizado na imprensa, mas que aparentemente buscam legitimar seu espaço enquanto representação de dos problemas sociais. As comunidades da periferia adquirem um tempo de visibilidade significativo, deixam de ocupar espaços de notas ou matérias policiais e passam a protagonizar reportagens jornalísticas, porque o contexto da periferia está impregnado de discursos construídos pela subjetividade de uma pessoa com as mesmas possibilidades humanas daquele que o assiste, que geram sentidos de comoção, felicidade, tristeza, revolta, esperança, dentre outros.

Porém, está amostragem sugere que as representações estão na sua maioria atreladas a problemas sociais, como já mencionados anteriormente, também está relacionada ao ambiente violento, sem estruturas públicas que garantam uma cidadania efetiva. O espaço que esses sujeitos ocupam é um espaço marginalizado, é um espaço que é o outro lado, o lado sem calçada, sem pavimentação, sem esgoto, o espaço do lixo e do descaso. Mesmo em matérias jornalísticas que apareceram à superação, os bons resultados, as iniciativas que buscam promover o inverso desta exclusão, seus atores parecem não sair dos seus lugares de fala. Não foram promovidos com o objetivo de consolidar condições melhores nas comunidades, talvez gera-las por tempo determinado



e que serão reconhecidos de forma pública futuramente.

Salientamos que os bons resultados e seus atores em momento nenhum aparecem no estúdio televisivo ou dividem espaço com outros cidadãos representados no telejornal. O espaço do estúdio, da entrevista, da problematização, do debate público ainda é privilégio de representantes do povo ou de pessoas que “adquiram” o reconhecimento público. Reconhecimento que não significa o conhecimento destas realidades.

Esses aspectos, quando refletidos dentro do ambiente televisivo, tornam-se extremamente relevantes. A televisão reafirma sua capacidade de interpelar os sujeitos. Os sujeitos da periferia ganham o espaço televisivo, o direito a fala, mas isso não reverte em novas condições de reconhecimento permanente e/ou legítimo no discurso midiático. O reconhecimento ainda está ligado às deficiências sociais e não ao seu êxito e a sua transformação. A representação midiática deixa marcas das representações sociais presente no cotidiano e da sua própria representação ao construir o conteúdo. Ilustram e reproduzem as práticas sociais, contribuindo para o registro e a memória do que nos é apresentado como supostamente “real” e não a representação da representação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.73-102.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais**, BeloHorizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**. Revista FAMECOS, nº 28. Porto Alegre, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Estudos Culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **Revista e-compós**, Ed.1, dezembro de 2004. Disponível em:



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

<http://www.compos.org.br/e-compos>

MYNAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia. In: GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.89-111.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SANTAELLA, Lucia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. In: ARAUJO, Denize Correa (Org.). **Imagem (in) realidade**: comunicação e cibernídia. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 173-201.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva vision, 2003.